

## O Delírio Persecutório no Personagem Cláudio Shakespeariano

Adelson Oliveira Mendes

### Resumo

Por meio de uma proposta qualitativa de análise, seguiu-se uma investigação do tema: o delírio persecutório no personagem Cláudio shakespeariano. A comunicação defende que o sistema delirante notório na obra, *O Caso Schreber*, e o suporte fornecido a esse sistema delirante através das obras, *Tipos Libidinais*, *Paranoia y Neurose Obsessiva*, *O mal-estar na civilização* e *O Futuro de uma Ilusão* de Sigmund Freud, são presentes no personagem Cláudio, quando ele ressalta alguns pontos cruciais no processo, no caso de Cláudio, de busca pelo poder, de forma que o que prevalece é a ideação agressiva e um rei usurpador. A postura do rei Cláudio, dentro da obra shakespeariana *Hamlet*, nos deixa clara a incapacidade do personagem na condição de rei. Os sentimentos desenvolvidos pelo mesmo deixaram-no perceber que não era tão amado e, defronte dessa realidade e do fato que a ocasionou, deixamos, de acordo com Freud, uma ideia de delírio no rei e usurpador Cláudio. Dentro da teoria freudiana, esse delírio de perseguição é um dos principais responsáveis pela autoagressão. A comunicação, por meio do arcabouço teórico freudiano sobre o delírio persecutório, estabelece uma possibilidade de leitura do personagem Cláudio da obra *Hamlet*, de Shakespeare.

*Palavras-Chave:* Cláudio Shakespeariano. Instintivo. Usurpador. Perseguição.

A obra *Hamlet* envolve variadas pesquisas, adaptações, debates e interpretações, no entanto, segundo Pierce, para sermos um bom pensador, é necessário termos além das premissas morais mais altas, que vai além do amor pela verdade, as concepções morais mais altas. Nas premissas da leitura da peça teatral *Hamlet*, são levadas em consideração várias deduções e que, através dessas deduções, adotamos a retrodução como sendo possível hipótese. Nesse trabalho, podemos considerar algumas suposições, tendo por base as teorias freudianas. Através das obras e conferências psicológicas freudianas, podemos deduzir aspectos que incorporam características do comportamento do personagem Cláudio shakespeariano desde a sua maneira instintiva ao modo civilizado e o confronto entre essas que possivelmente tenha lhe levado ao delírio persecutório.

Em relação ao delírio de perseguição, através das obras de Freud, podemos apresentar que vão desde a busca pelo prazer, falta de fé, em um Deus único até o fator impulsionador, em que é transformado o amor em ódio.

No entanto, essas circunstâncias deveras bastante instigantes colocam o indivíduo em circunstâncias miseráveis enquanto a sua integridade psicológica que, ademais, levava-o a sua mal integridade moral e comportamental. “Um homem que alternadamente peca e depois, em seu remorso, erige altos padrões morais, fica exposto à censura de tornar as coisas fáceis demais para si. Não alcançou a essência da moralidade, a renúncia, pois a conduta moral de vida é um interesse humano prático” (FREUD, 1974).

Freud nos diz que a origem do distúrbio paranoico é a falta de crença na existência de um Deus pessoal. Nesse processo de má fé, Deus coloca-nos em momentos de muitas privações e, nessas privações o indivíduo pode oferecer risco a si mesmo, visto que aquilo existente dentro da normas divinas lhe foram privadas.

Oh, meu delito é fétido, fedor que chega ao céu;  
Pesa sobre ele a maldição mais velha,  
A maldição primeira – assassinar um irmão!  
Nem consigo rezar – embora a inclinação e a vontade imensa.  
Mas se a vontade é grande, minha culpa é maior.  
Como homem envolvido numa empreitada dúplice.  
Hesito e paro, sem saber por onde começar;  
E desisto de ambas. Mas, mesmo que esta mão, maldita  
Tivesse sua espessura duplicada pelo sangue paterno,  
Será que nesse céus clementes não haveria  
Chuva bastante pra lavá-las de novo brancas como a neve?  
Pra que serve a piedade, senão para apegar a face do delito?

[...] Mas, que forma de oração pode servir meu intuito?  
(SHAKESPEARE, 1999).

Vários aspectos podem ter dado a origem ao delírio persecutório no personagem Cláudio. Freud nos relata, em sua obra *O Futuro de uma Ilusão*, conceitos que podemos adotar como uma das principais hipóteses da origem do delírio no rei dinamarquês, rei Cláudio. Freud explica que,

Mas quão ingrato, quão insensato, no fim das contas, é esforçar-se pela abolição da civilização! O que então restaria seria um estado de natureza, muito mais difícil de suportar. É verdade que a natureza não exigiria de nós quaisquer restrições dos instintos, deixa-nos-ia proceder como bem quiséssemos; contudo, ela possui seu próprio método, particularmente eficiente, de nos coibir. Ela nos destrói, fria, cruel e incansavelmente, segundo nos parece, e, possivelmente, através das próprias coisas que ocasionaram nossa satisfação. Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être* real, é nos defender contra a natureza (FREUD, 1974).

Ao que tange o exemplo de Freud citado acima, cabe citar o Cláudio updikiano, quando o personagem se destaca com seu modo aventureiro de ser, onde tudo se procede como bem o quer. A discrepância nesse momento de sua vida com a civilização o impedia de ver tal como ela era, suas regras, deveres a serem cumpridos para o bem de todos e posterior boa convivência social dentro do grupo.

Diante de tal fato, Freud nos coloca defronte a uma grande justificativa, pois diante de tal prazer em ter realizado o assassinato de seu irmão e apossado tudo que lhe pertencia o então rei Cláudio, pensava que teria felicidade diante a civilização, por

possuir poder e portar-se como rei, porém, sua ambição não foi possível controlar, e já na condição de rei tudo lhe pertencia. Diante de tal situação o confronto com a civilização fez-o perceber que teria de seguir as regras impostas por aquele grupo social e que sua ânsia em conquistar seria então barrada, algo que para um vilão é totalmente conflitante.

Seguido o pensamento de infelicidade no personagem rei Cláudio dentro da civilização, Freud nos faz uma pergunta, “por que é tão difícil para o homem ser feliz?” (FREUD, 1974). Ao aplicarmos ao rei Cláudio quando o mesmo se encontra diante de tal comportamento, Freud responde a sua grande pergunta: “Infelicidade provem das três fontes de que nosso sofrimento provem: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na Sociedade” (FREUD, 1974).

Essa infelicidade do rei perante a satisfação incompleta diante a civilização, fez com que suas forças para alcançar a supremacia do poder se tornasse inúteis, pois o seu comportamento instintivo existente desde antes deu seu ato de fratricídio, onde podemos notar na obra *Gertrudes e Cláudio*, de Updike, até o momento onde encontra-se de posse a coroa.

Segundo Freud,

Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir suas escolhas. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos (FREUD, 1974).

Ademais, diante à realidade de civilização, o modo de escolha do personagem rei Cláudio para chegar ao poder, adapta-o ao novo mundo num processo de perda de liberdade e satisfação, podemos notar na obra de Updike;

Após seu feito lendário de matar Koll, Horwendil havia expandido e consolidado sua fortuna e fortalecido sua posição no trono, enquanto Feng vagava pelas florestas e velhas estradas romanas do sul. Agora voltara à Dinamarca para tentar fazer reverter a decadência das suas propriedades na Jutlândia que tinham sido hipotecadas – além de saqueadas pelos vizinhos e feitores, enquanto os camponeses foram devastados pelas peste e pelas más colheitas – e afirmar, com alguns meses de residência no palácio que Rorik lhe concedera, seu lugar na corte real do irmão (UPDIKE, 2000).

Até o início da peça *Hamlet*, quando mata seu irmão, foi assumindo o posto de rei, diante a civilização que lhe exige altos padrões de comportamento, Cláudio usurpou uma escolha que lhe condenará perante as regras que a mesma civilização lhe aplica. Freud nos diz que:

Qualquer escolha levada a um extremo condena o indivíduo a ser exposto a perigos, que surgem caso uma técnica de viver, escolhida como exclusiva, se mostre inadequada [...] seu êxito jamais é certo, pois depende da convergência de muitos fatores, talvez mais do que qualquer outro, da capacidade da constituição psíquica em adequar sua função ao meio ambiente e então explorar esse ambiente em vista de obter um rendimento de prazer (FREUD, 1974).

O sufocamento do modo instintivo de ser do personagem rei Cláudio, o que a não predominância desse modo na condição característica principal, a de usurpador,

fez-lhe tomar perante ao modo civilizado, a realidade como única inimiga. A justificativa de Freud será bem sucinta,

Considera a realidade como a única inimiga e a fonte de todo o sofrimento, com a qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser de algum modo felizes, temos de romper todas as relações com ela. O eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isso; pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais adequados a nossos próprios desejos. Mas quem quer que, numa atitude de desafio desesperado, se lance por este caminho em busca da felicidade, geralmente não chega a nada. A realidade é demasiado forte demais para ele. Torna-se um louco; alguém que, a maioria das vezes, não encontra ninguém para ajudá-lo a tornar real o seu delírio (FREUD, 1974).

Como porta para o delírio persecutório, podemos apontar um pensamento religioso e que sobrevive no cristianismo principal base religiosa da época, até a modernidade é que devemos pensar no próximo e não tomarmos a magnificência como meio individual. Freud diz que, “é impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida” (FREUD, 1974).

Uma outra hipótese da não submissão completa à vontade de Deus tendo como símbolo de censura civilizatória é o não cumprimento de uma das exigências ideais tal como denominamos na sociedade civilizada. Freud excita em diz a exigência mais comum na civilização, “Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (FREUD, 1974), mas como no personagem rei Cláudio é uma ideia deveras bastante difícil de ser cumprida.

Não meramente esse estranho é, em geral, indigno de meu amor; honestamente, tenho de confessar que ele possui mais direito a minha hostilidade e, até mesmo, meu ódio. Não parece apresentar o mais leve traço de amor por mim e não demonstra a mínima consideração para comigo. Se disso ele puder auferir uma vantagem qualquer, não hesitará em me prejudicar; tampouco pergunta a si mesmo se a vantagem assim obtida contém alguma proporção com a extensão do dano que causa em mim. Na verdade, não precisa nem mesmo auferir alguma vantagem; se puder satisfazer qualquer tipo de desejo com isso, não se importará em escarnecer de mim em me insultar, me caluniar e me mostrar a superioridade de seu poder; e, quanto mais seguro se sentir e mais desamparado eu for, mais, com certeza, posso esperar que se comporte dessa maneira para comigo. Caso se conduza de modo diferente, caso mostre consideração e tolerância como um estranho, estou pronto a trata-lo da mesma forma, em todo e qualquer caso e inteiramente fora de todo e qualquer preceito (FREUD, 1974).

Na civilização defendida por Freud, todos são contemplados da mesma forma. Porém, o personagem rei Cláudio não possuía tal contemplação voltado ao modo civilizatório, pois prevalecia seu modo instintivo de usurpação e de conquista mesmo posterior a tomada do reino. Certo modo de ser, fez com que as regras legais desenvolvidas pela civilização desse ao rei Cláudio um certo desprazer. Como rei teria de seguir padrões e que ao seu modo instintivo de conquistar poder não se adequava dentro da presente realidade. Ao que tange esse ponto, Freud diz que a fonte do prazer deixa de ser o ego e passa ao objeto.

Surge, então, uma tendência a isolar do ego tudo que pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um

puro ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um 'exterior' estranho e ameaçador. As fronteiras desse primitivo ego em busca de prazer não podem fugir a uma retificação através da experiência. Entretanto, algumas das coisas difíceis de serem abandonadas, por proporcionarem prazer, são, não ego, mas objeto, e certos sofrimentos que se procura extirpar mostram-se inseparáveis do ego, por causa de sua origem interna (FREUD, 1974).

Ou seja, mesmo o personagem rei Cláudio buscando sair de tal sofrimento por ter cometido fratricídio, através dos bens materiais e poder, não o conseguirá, pois Freud ressalta que:

Desde que superamos o erro de supor que o esquecimento com que nos achamos familiarizados significava a destruição do resíduo mnêmico – isto é, a sua aniquilação – ficamos inclinados a assumir o ponto de vista oposto, ou seja, o de que, em circunstâncias apropriadas (quando, por exemplo, a regressão volta suficientemente atrás), pode ser trazido de novo à luz (FREUD, 1974).

Ao que diz Freud, Frye acrescenta também seu pensamento sobre o rei Cláudio e fornece sua opinião enquanto ao comportamento do rei diante de sua lembrança de tal feito. Diz que, “a qualidade de um homem pode ser inferida a partir da lembrança do que ele fez ou partir da imagem que está tentando construir de si mesmo num determinado momento” (FRYE, 1992).

Tal ponto citado acima por Freud nos faz pensar o personagem Cláudio shakespeariano, pois é notória a concretização do sintoma citado acima no personagem. O componente civilizado conduziu o personagem rei Cláudio a uma busca ao longo da vida através de suas perspectivas de autogratificação. Dentro dessas autogratificações encontra também no personagem rei Cláudio o medo de perder tal

objeto. Nessa perspectiva adequa-se o pensamento freudiano, quando o mesmo diz que a fonte de prazer deixa de ser o ego e passa a ser o objeto. Esse pensamento também é notório em Lacan, ao ponto que o autor explicita detalhadamente a respeito do medo da perda do objeto, nesse sentido o poder que o rei Cláudio possuía quando na peça *Hamlet*.

Eis que o sujeito não quer perder esse objeto com o qual ele se encontra extremamente ligado, por vezes até identificado ao próprio objeto. Estar ligado ao objeto ou tentar possui-lo denota um apagamento da posição de sujeito, ao menos de um sujeito em falta, sujeitado às insígnias do inconsciente que procede a sua divisão, como não inteiro, em que nessa divisão, algo se perde; não é possível reter o objeto. O sujeito teme a perda do objeto, com isso, fica fixado a ele, obscurecido em sua sombra como que eclipsado ao objeto para não se defrontar com a suposta angustia da perda (LACAN *apud* MALISKA, 2013).

O processo em que o indivíduo pensa estar sendo vítima de perseguição é motivado pelo delírio. Imagina-se que o indivíduo sente a necessidade de explicar-se a si próprio e dessa maneira, ocorre-lhe a ideia de que ele próprio é personagem de tal perseguição. Segundo Freud,

A pessoa a quem o delírio atribuiu tanto poder e influência, a cujas mãos todos os fios da conspiração convergem, é se claramente nomeada, idêntica a alguém que desempenhou papel igualmente importante na vida emocional do paciente antes de sua enfermidade, ou facilmente reconhecível como substituto dela. A intensidade da emoção é projetada sob a forma de poder externo, enquanto sua qualidade é transformada no oposto (FREUD, 1998).

A consciência nos faz covardes, a consciência que possuía o rei Cláudio, via na suposta loucura do príncipe Hamlet o caminho para lhe revelar ao seu mundo interno. Tais evidências nos são perceptíveis quando voltamos a obra *Hamlet*, na Cena III,

Mas os senhores não conseguem, com  
Alguma subterfugio,  
Arrancar dele o motivo desse agir estranho  
Que lançou a tranquilidade de sua vida  
Na turbulência da loucura? (SHAKESPEARE, 1999).

Ainda em *Hamlet*, “a situação de nosso reino não pode ser exposta a perigos tão sérios com os que nascem a toda hora dessa estranha loucura (SHAKESPEARE, 1999).

Notamos aqui nessas passagens da peça shakespeariana uma força aprisionada tanto do rei Cláudio quanto do príncipe Hamlet, numa camada de disfarce social civilizatório. Porém, quando analisamos o personagem rei Cláudio notamos que mesmo diante desse limite imposto a ele, é perceptível também a sua intenção ao trágico, quando pretende tirar o príncipe diante a coroa. Frye reforça essa ideia de aprisionamento da consciência e como o mesmo pode ser extinto. Diz, “o remédio mais comum contra a claustrofobia da consciência é a ação, embora a ação humana seja muitas vezes destrutivas ou assassina” (FRYE, 1992).

Na obra intitulada *Tipos Libidinais*, Freud ressalta a nomeação de três tipos libidinais; o tipo erótico, tipo narcísico e o tipo obsessivo. De acordo com Freud, o tipo erótico é facilmente caracterizado naqueles indivíduos em que o principal interesse está voltado para o amor, acima de tudo, ser amado, é a coisa mais importante para eles. Segundo Freud, “são dominados pelo temor da perda do amor e acham-se, portanto, especialmente dependentes de outros que podem retirar seu amor deles” (FREUD, 1974). A partir desse pensamento freudiano, podemos citar outro ponto de partida da origem do delírio persecutório no personagem rei Cláudio.

Ao segundo tipo libidinal, aplicamos a grande quantidade de agressão à disposição do ego, presente no indivíduo que o possui. Segundo Freud, “quando pessoas do tipo erótico caem doentes, elas desenvolverão histerias” (FREUD, 1974). Aplicando ao personagem rei Cláudio, podemos notar que, a princípio, uma das tantas justificativas para a sua autoagressão foi a frustração causada pelo mundo externo, ou seja, pelo motivo de não ser amado tão quanto a seu irmão Rei Hamlet. A inveja é aqui, sem dúvidas, um fator bastante significativo para representar tamanha ideação do personagem rei Cláudio.

Meu destino”, disse Feng, com certa impaciência, “é ser sempre visto como uma versão menor de meu irmão. Por isso vivo viajando para lugares onde tal comparação não seja feia. Imagine que, ao se casar com a filha do rei Rorik, ele estaria ganhando mais uma oportunidade de comparar desfavoravelmente a minha fortuna com a dele (UPDIKE, 2001).

Tomados os exemplos citados por Freud, podemos então dizer que, do ponto de vista interno, ao revermos o personagem Cláudio na obra *Hamlet*, percebemos o lado doentio do tipo narcísico libidinal. Pois, através de seu amor usurpador, tal psicose desenvolvida fez com que o prejudicasse de modo expressivo a capacidade de enfrentar as situações imposta pela civilização. Shakespeare,

Dedicar ao pai esse tributo póstumo, Hamlet,

Revela a doçura de tua natureza [...]

Por isso te rogamos, Hamlet – afasta de te essa dor já inútil,

E pensa em nós como um pai,

E que o universo tome nota:

Esse é o herdeiro mais imediato do meu trono!

O amor que te devoto é tão nobre

Quanto o que o pai mais amoroso dedica ao filho

Mais amado (SHAKESPEARE, 1999).

Freud fortalece quanto à interpretação do delírio persecutório, ao ponto em que ele fornece-nos o que seria na prática o principal cerne do conflito no personagem Cláudio shakespeariano, relata a transformação da fase: “Eu o amo” por “Eu a odeio”, em um sujeito que apresenta esse sintoma. Ele faz jus a respeito da exigência do mecanismo de sintomas da paranoia que, através de uma percepção externa, transforma o “Eu te odeio”, por “Ele me odeia”, logo essa percepção leva o sujeito a acreditar que é lhe dada o direito de odiar.

Freud apresenta-nos uma visão mais avançada com relação ao mecanismo de formação de sintomas na paranoia, quando esse sintoma paranoico exige que as percepções internas, sejam substituídas por percepções externas.

Conseqüentemente, a proposição “eu o odeio” transforma-se, por projeção, em outra: “Ele me odeia (persegue-me), o que me desculpará por odiá-lo.” E, assim, o sentimento inconsciente compulsivo surge como se fosse a consequência de uma percepção externa [...] não por qualquer percepção interna de amar, mas por uma percepção externa de ser amado (FREUD, 1998).

Podemos aplicar esse pensamento freudiano na relação entre o Rei Cláudio e seu sobrinho, Príncipe Hamlet. A ideia de Cláudio tomar a suposta loucura do príncipe para livrá-lo de suas metas é talvez uma noção de que como Rei nunca iria conseguir o desejo absurdo de ser amado, principalmente pelo príncipe Hamlet, e que livrando-o dele poderia não mais ter tantos obstáculos diante de sua ânsia desesperadora de obter poder.

*Hamlet,*

Não gosto do jeito dele; e não é seguro pra nós

Deixar campo livre a esse lunático.

Preparem-se, portanto;

Vou despachar imediatamente as instruções

E ele partirá com vocês pra Inglaterra.

A situação atual de nosso reino não pode ser exposta

A perigos tão sérios com os que nascem a toda hora

Dessa estranha loucura (SHAKESPEARE, 1999).

Aplicaremos esse ato sórdido do personagem rei Cláudio ao instinto incontrolável pela busca de satisfação. Segundo Freud, a ânsia em obter satisfação é primeiro fornecido por experiências primárias e que, no ato dessa busca, está a diferença da quantidade de satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, e é esse fator impulsionador que não permite a parada em nenhuma das posições alcançadas.

O instinto reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação. Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações, não bastarão para remover a tensão persistente do instinto reprimido, sendo que a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas (FREUD, 1974).

Ao passo em que seguirmos os pensamentos freudiano, notaremos uma explicação psicológica perante a ânsia do personagem Cláudio em busca de suas realizações desesperadoras.

As pessoas sempre estarão prontamente inclinadas a incluir entre os predicados psíquicos de uma cultura os seus ideais, ou seja, suas estimativas a respeito de que realizações são mais elevadas e em relação às quais se devem fazer esforços por atingir. Parece, a princípio, que esses ideais determinam as realizações da unidade cultural; contudo, o curso real dos acontecimentos parece indicar que os ideais se baseiam nas primeiras realizações que foram tornadas possíveis por uma combinação entre os dotes internos da cultura e as circunstâncias externas, e que essas primeiras realizações são então erigidas pelo ideal como algo a ser levado avante (FREUD, 1974).

Esse pensamento é bem explícito, visto que esforços não são poupados pelo Rei Cláudio para alcançar algo que é de maneira extremamente incansável, exigido pelo seu ideal obsessivo. Ao retornar à obra *Hamlet*, fica-nos clara essa percepção, quando a partir do momento em que, além de Cláudio ter perpassado o assassinato de seu próprio irmão, busca, após perceber as dificuldades oferecidas pela então ideia de loucura no príncipe e após a quebra da ordem do rei (a volta do príncipe da Inglaterra) livrar-se dele. No final da peça, é notório o efeito da gravidade do delírio de perseguição sobre o personagem rei Cláudio, quando, juntamente com o personagem Laertes, trama uma vingança cruel e desleal para com o príncipe Hamlet resultando no final triste e cruel, introduzido pelo Rei Cláudio.

Bom Laertes,

Se deseja conhecer a verdade

Sobre a morte de teu caro pai, diz;

Está escrito em tua vingança que jogarás  
Todas as fichas nesse jogo,  
Arrastando amigos e inimigos,  
Vencedores e vencidos? (SHAKESPEARE, 1999).

Podemos notar, durante o percurso do texto, algumas justificativas que tenham levado o personagem Cláudio a portar-se com o delírio de perseguição. O confronto de seu modo instintivo ao civilizatório é o principal cerne do delírio, no qual o seu ato de fratricídio e usurpação o controlava diante as regras exigidas dentro dos ideais exigidos na civilização. Visto que é notória, no seu agir, a ânsia e ambição compulsivas de ganhar e possuir poder, porém, a situação em que se encontrava como rei, ou seja, não podia mais conquistar determinados objetos que sua usurpação cobrava, pois tudo que pertencia ao reino de Elsinore lhe pertencia, se tratando de poder. Após tamanho fim do rei, Shakespeare nos coloca defronte de seu personagem rei Cláudio, diante de tamanha façanha do mesmo pelo poder ao pensamento da *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault, onde o mesmo, nos deixa bem claro quanto a interpretação de poder, que o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.

### Referências

- BLOOM, Harold. Hamlet: poema ilimitado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.
- FREUD, Sigmund. Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FRYE, Northrop. Sobre Shakespeare. São Paulo: EDUSP, 1992.
- MALISKA, Mauricio Eugênio. Psicanálise e Barroco. Santa Catarina. V 11, 2013.
- PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SHAKESPEARE, William. Hamlet. Porto Alegre: L&PM, 1999.

UPDIKE, John. Gertrudes e Cláudio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.